

# Na prática, BC reduz juro em mais três pontos

*Em vez do teto de 42,25%, instituição ofereceu três pontos porcentuais menos de remuneração por títulos*

CLEIDE SÁNCHEZ RODRÍGUEZ

O governo ofereceu ontem como remuneração dos títulos públicos negociados no mercado (overnight) uma taxa quase três pontos porcentuais abaixo do teto fixado quarta-feira pelo Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC), de 42,25% ao ano.

Além disso, indicou um ligeiro recuo de meio ponto para os negócios realizados hoje com liquidação na segunda-feira. A estratégia já era esperada e contrapõe-se ao conservadorismo atribuído ao governo por ter reduzido os juros para 42,75%, quando o mercado esperava queda mais acentuada.

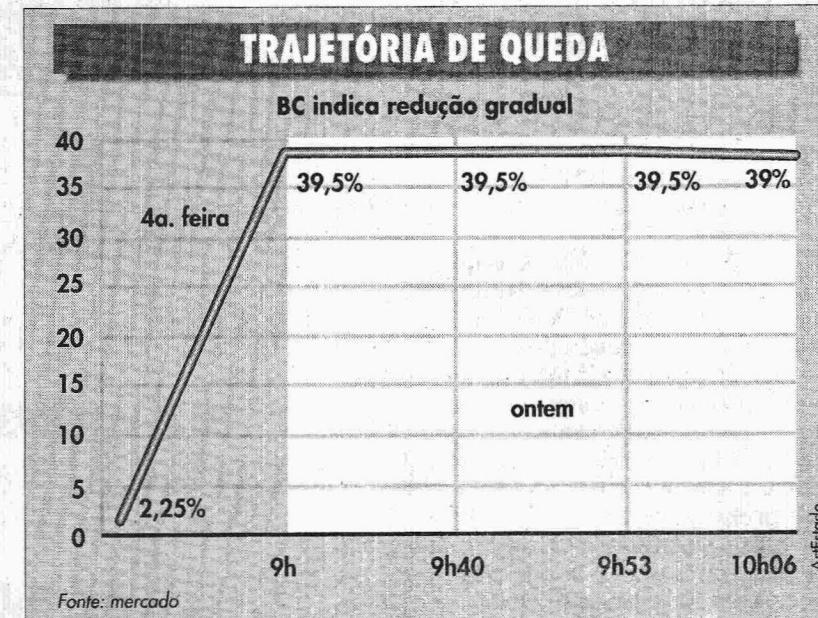
"A decisão do Copom mostra que o Banco Central não pode decidir influenciado por pressões políticas ou de mercado", observa o economista Maílson da Nóbrega, sócio da Tendências Consultoria Integrada.

Qualquer decisão, destacou Maílson, deve estar fundamentada em circunstâncias macroeconômicas, o que não significa que o governo esteja parado. A atuação no overnight ontem mostrou justamente um esforço em reduzir as taxas.

Na abertura do mercado aberto, em que são negociados os títulos federais, o BC balizou as taxas em 40% ao ano, enquanto no fechamento da véspera elas estavam em 42,75%. Na primeira atuação, a participação das insti-



**TAXA PODE  
CAIR PARA 33%  
AO ANO NO  
FIM DO MÊS**



tuições financeiras foi pequena. Nas duas seguintes, a autoridade monetária fixou a taxa em 39,5% ao ano.

O quarto movimento do BC surpreendeu o mercado: ele fez uma operação antecipada de hoje para segunda-feira propondo-se a entregar recursos às instituições a uma taxa de 39%.

"Se o BC faz negócio a essa taxa, significa que todas as outras operações do mercado ficarão abaixo desse número, ou seja, ele deu sinal de que a queda dos juros continuará", explica o diretor responsável pela Área de Tesouraria do Banco BBA Creditanstalt, Luis Fernando Figueiredo.

Segundo ele, na segunda-feira o BC poderá indicar a taxa de 38,5% para terça-feira. "Se o ritmo persistir, as taxas chegarão ao fim do mês em torno dos 33% ao ano", apostou o executivo.

Maílson da Nóbrega é ainda mais otimista. O economis-

ta considera viável fechar o mês com taxas anuais em torno dos 30%; em dezembro na faixa dos 25% e em janeiro ou fevereiro abaixo dos 20%.

Naturalmente, essa trajetória somente vai tornar-se viável depois da divulgação do pacote de ajuda financeira do Fundo Monetário Internacional (FMI) e dos organismos internacionais, da aprovação das medidas do programa de ajuste fiscal e do restabelecimento da confiança do mercado internacional no Brasil. "Se houver recrudescimento da crise, o cenário muda", destacou.

Aliás, não é a toa que o BC optou pelo gradualismo na redução dos juros. "Ele tem a alternativa de a qualquer momento interromper a trajetória de queda", concluiu Figueiredo.

O mercado financeiro acredita em quedas ainda maiores. Na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F), as projeções embutidas nos contratos de juros recuaram depois das atuações do BC: em novembro, para 31,65%, ante os 32,78% da véspera; e para 25,44% em dezembro (no dia anterior a projeção era de 26,13% ao ano).